

EDITORIAL

SOCIOLINGUÍSTICA E TRADUÇÃO



Toda reflexão sobre tradução remete a alguma delimitação prévia tributária de uma teoria geral da linguagem. Nesse número da revista *Belas Infiéis*, sugere-se pensar na questão tradutória de uma perspectiva sociolinguística, ou seja, perceber o ato de tradução enquanto fenômeno linguístico interpretado à luz de variáveis sociais. Propor uma abordagem sociolinguística do ato de tradução significa também colocar à prova a antinomia fundamental entre universalidade e diversidade da linguagem: se toda comunidade humana é dotada de uma linguagem fundada em características gerais comuns (utilização de meios fônicos a serviço da atividade simbólica para traduzir o mundo), toda linguagem também se manifesta por meio de uma língua (tida como um conjunto finito de meios que permite gerar um número infinito de mensagens), culturalmente e socialmente constituída. Assim, cada língua seria própria a uma determinada comunidade e, a priori, se distinguiria das outras. Essa dicotomia implica porém um paradoxo: define-se a linguagem como meio de comunicação (embora não seja essa a sua única função e talvez longe de ser a mais essencial), ao passo que a diversidade das línguas torna-se um obstáculo à comunicação (instrumento de não comunicação). Assim, a língua é fundamentalmente social mas é também fator de segregação social. Ela transcende o indivíduo mas fica aquém do universal e o nega. Outro paradoxo sugere que linguagem e língua somente são acessíveis à observação por meio da manifestação singular e individual: nunca estamos frente à linguagem em sua generalidade, nem mesmo à língua em sua abstração. O que observamos são sempre atos de fala, singulares e circunstanciados, que nunca se reproduzirão duas vezes de forma estritamente idêntica. Isso pressupõe que um mesmo enunciado dito em circunstâncias diferentes é outro, e que o sentido é tributário das suas condições de enunciação. Logo, como pensar a tradução? Ela comparece também como um ato de fala, embora se insira entre as mensagens para torná-las comunicáveis, para além da diversidade das línguas. Assim, pela sua simples existência, a tradução pressuporia a possibilidade de dissociação entre a mensagem enquanto conteúdo comunicável

(universalizável) e a língua (social) que a expressa. Isso remete ainda a mais um paradoxo: se a visada tradutória postula a existência de universais de linguagem, em que nível de linguagem ela opera? O das línguas? Isso revelaria que, por trás da diversidade aparente dos “sistemas” linguísticos, existiriam universais da linguagem que seriam universais de língua? Impõe-se a hipótese contrária: si a diversidade observável das línguas não é apenas superficial mas sim profunda e se não há por trás dela nenhum caráter universal, a tradução seria sempre uma impossibilidade ou, no melhor dos casos, um mal-entendido, que Jakobson define como “equivalência na diferença”.

Nesse número especial da revista *Belas Infiéis*, sugere-se abordar a tradução a partir de uma perspectiva genuinamente sociolinguística, mas também a partir de uma inversão epistemológica: partir do caráter marginal e excepcional da tradução, para torná-lo exemplar. Trata-se assim de nutrir-se dos ensinamentos de uma abordagem contrastiva sobre a relação entre língua e mensagem. Não se traduz língua mas se traduz com língua. Isso não significa entretanto que as mensagens submetidas à tradução são “fragmentos de língua”. Dizer que a tradução opera sobre as línguas por meio de suas realizações particulares é também dizer que cada ato de fala não é se não um exemplo específico de uma língua. Assim a reformulação por meio da tradução seria a transformação de fragmentos de uma língua em fragmentos de outra língua. A tradução repousaria sobre universais de língua subjacentes à aparente diversidade das línguas? Para explicar a tradução, seria então necessário que as diversas línguas fossem redutíveis a um modelo subjacente e que as línguas escapassem ao caráter social para entrar no universal? Não bastaria pensar que as mensagens são universais? As correspondências entre as línguas são pressupostos para as correspondências entre duas mensagens?

Uma forma de superar esses paradoxos é considerar a tradução como uma relação entre línguas, como uma operação comparativa entre dados diversos. A tradução considerada sob esse ângulo nos faz descobrir os princípios explicativos válidos seja qual for a língua e não apenas para um par de língua. A tradução assim percebida seria um ato de comparação, de seleção e de ampliação que ilustra a relatividade das escolhas, as virtualidades semânticas das palavras, as equivalências inaugurais e factuais, sempre enquanto construtos. Isso pressupõe que a variação semântica seja tributária da dinâmica textual, em que o conteúdo semântico no qual a tradução opera não se situa nem na língua nem na fala (texto/discurso), mas na intercessão das duas.

A tradução poderia também ser entendida como a gestão de duas línguas por um mesmo indivíduo, como uma forma singular e privilegiada de contato de línguas que

estabelece relações institucionais entre estas, um momento privilegiado da tomada de consciência da forma como cada língua apreende e realiza a realidade, expressando-a. Em todo caso, a tradução contribui com a dinâmica e a vitalidade dos fenômenos linguísticos por meio do contato, da mistura, da hibridação e da transformação. Essa abordagem se opõe aos modelos em que a língua é percebida como unidade, em que o monolinguismo é definido como situação “normal”, a língua enquanto objeto ideológico, estrutural e simbolicamente instituído. Trata-se de uma denúncia do monolinguismo idealizado. De fato, parte-se do pressuposto de que a apreensão da homogeneidade linguística é um construto e de que toda produção inscreve-se em uma dinâmica discursiva que a marca e a sanciona, seja qual for a natureza da troca. É uma dinâmica não-linear, em que não há linguagem sem discursividade, sem referência histórica, sem constrangimentos e sem normas.

Assim, para além da definição simplista da tradução como processo que possibilita passar de uma língua para outra, sugerimos aqui que o ato tradutório é uma operação que coloca duas línguas em relação, implicando um processo comparativo que revela normas e representações que as regem, e uma série de parâmetros de ordem linguística, pragmática, cultural e normativa. Assim, o tradutor torna explícitos os vínculos formais entre dois textos, entre dois discursos e entre as normas que se encontram, nesse momento, “em contato” e em tensão. Ao inaugurar um processo de deslocamento, de recontextualização e de resignificação, o tradutor estabelece relações de dependência ou de responsabilidade mais ou menos fortes entre dois indivíduos (leitor e autor) e integra simultaneamente contatos institucionais e sua própria gestão do fenômeno.

Partindo desses pressupostos teóricos, apresentamos aqui sete artigos baseados em pesquisas desenvolvidas no âmbito do programa de pós-graduação em estudos da tradução da Universidade de Brasília – Protrad e que ilustram a variedade dos fenômenos sociolinguísticos que a tradução faz emergir quando se concretiza.

O primeiro, *Traços de Etnicidade na Tradução de Purple Hibiscus*, de Fernanda de Oliveira Müller, apresenta uma análise da tradução do romance *Purple Hibiscus*, de Chimamanda Ngozi Adichie, para o português do Brasil, feita por Júlia Romeu. Fernanda busca perceber os traços de etnicidade marcados no texto de partida foram reproduzidos na versão brasileira *Hibisco Roxo*, publicada em 2011. A partir de uma seleção de palavras e frases registradas na língua igbo no texto original e a análise da tradução desses termos para o português do Brasil, ela discorre sobre o conceito de etnicidade defendendo uma tradução ética, que dá abrigo ao estrangeiro e recusa o etnocentrismo. Mostra que a opção por

reproduzir os termos em igbo na tradução contribuiu para manter a intenção manifesta da autora de, por meio de sua literatura, apresentar a leitores de outros países a cultura e a história da Nigéria.

O segundo artigo, *A tradução e a formação de identidades culturais: uma contribuição brasileira aos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio - acabar com a fome e a miséria*, é escrito por Gisele Noce que examina a influência da tradução na formação de identidades culturais. Com base nos conceitos de Lawrence Venuti, que busca explicar o processo da tradução e seus efeitos, a representação de culturas estrangeiras e a criação de sujeitos domésticos, bem como a ética da tradução, sob a perspectiva do etnocentrismo, apresenta o exemplo da influência de alguns textos brasileiros na terminologia internacional referente ao primeiro dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - “acabar com a fome e a miséria”. A ênfase do artigo está na influência que a tradução pode exercer sobre identidades coletivas quando é autorizada e sustentada por instituições.

Guilherme Pereira Rodrigues Borges é autor do terceiro artigo intitulado *Representando e traduzindo atos de identidade: O caso do Caribe*, em que explora, baseado nas ideias de identidade e de produção de língua de Robert Le Page e Andrée Tabouret-Keller (1985), a configuração linguística da região do Caribe, focando principalmente nas ilhas de Santa Lúcia e Jamaica, levantando questões pertinentes à representação e à tradução de textos imbuídos de identidades regionais advindos desses contextos.

O artigo que segue intitula-se *Mudanças linguísticas, variedades aproximativas e tradução*. Seus autores, Sabine Gorovitz e Leonardo Martins Lopes buscam aqui estabelecer uma conexão entre os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Calvet (2002), Faraco (2004), Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2014) acerca dos pidgins, das línguas crioulas e das possíveis mudanças linguísticas que possam ocorrer dentro de um contexto comunicativo de duas ou mais línguas em contato, analisando qual a sua importância no âmbito da tradução, e de que forma as afetam diretamente. De fato, mostram como, em um contexto globalizado, o uso de variedades aproximativas faz com que as línguas, diacronicamente, sofram modificações tanto na sua organização sintática quanto no léxico e em seu valor semântico, em especial na produção de neologismos incorporados à língua. Buscam ressaltar o papel do tradutor nesse processo em que as incidências causadas por constantes contatos de línguas fazem surgir novas criações linguísticas, que se propagam conforme a necessidade de uso, substituindo por vezes terminologias e expressões anteriores.

Marta Ingrith Molina Cabrera, em *Proposta de glossário bilíngue - português-espanhol – para o atendimento médico ao imigrante*, discorre sobre a relação entre médico e paciente em contexto de imigração. Sua reflexão enfoca a importância de comunicar a dor em uma consulta médica, enquanto uma experiência multidimensional e subjetiva. Para tanto, sugere a necessidade de elaboração de instrumentos linguísticos que possibilitem narrar essa experiência subjetiva da dor e avaliá-la. Tendo em vista tal necessidade, propõe um glossário no par português-espanhol com a intenção de oferecer uma ferramenta que auxilie médicos, imigrantes e refugiado/as/ no momento de comunicar e interpretar os sintomas da dor.

O sexto artigo, de Sabrina Duque Villafañe Santos, intitula-se *Do crioulo ao ‘criollo’: Traduzindo a língua de escravos da América portuguesa para a língua de escravos na América hispana no século XIX*. A autora parte dos conceitos de comunidade, identidade e linguagem de Le Page & Taubouret-Keller bem como da investigação sobre as línguas afro-americanas de John M. Lipski para discutir quais as ferramentas adequadas para traduzir as falas de personagens cativos na literatura brasileira do século XIX para o espanhol. Segundo a hipótese de Lipski, o “crioulo” afro-hispano não chegou a existir como língua estabilizada nos territórios das colônias hispano-americanas. Contudo, na literatura abolicionista cubana ficaram o registro temporal e a evolução da linguagem dos escravos africanos daquela época, que servem como ponto de partida para o trabalho de traduzir a língua africanizada do português ao espanhol.

Em *A tradução jornalística do impeachment de Dilma Rousseff na mídia internacional*, Mariana Reis Mendes propõe uma reflexão sobre a interface entre jornalismo e tradução, relacionando os pilares das duas profissões – a busca pela objetividade e fidelidade, respectivamente – e a influência de diversos constrangimentos aos quais estão submetidas, a partir das Teorias do Jornalismo e dos Estudos da Tradução. Busca assim, por um viés sociolinguístico, identificar as diferentes abordagens do processo de impeachment da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em jornais online de abrangência mundial, a partir da comparação de notícias publicadas em inglês e português, e identificar as escolhas linguísticas que marcam estas abordagens. Para tanto, foram selecionadas matérias publicadas nestes idiomas nos jornais online Huffington Post e BBC na data da votação do processo de impeachment pela Câmara dos Deputados, 17 de abril de 2016. Mariana conclui que a tradução jornalística extrapola o campo semântico ao participar ativamente do jogo político através de escolhas semânticas marcadas pelas ideologias dos atores envolvidos no processo.

Enfim, Angelica Almeida de Araújo propõe uma resenha que intitula *Sobre uma teoria geral da evolução de línguas: os atos de identidade de R.B. le Page em diferentes comunidades linguísticas*. Nela, Angelica descreve a pesquisa de Robert Le Page envolvendo comunidades linguísticas do Caribe, Santa Lúcia e Belize realizada ao longo de 30 anos, buscando destacar as descobertas do autor com relação a evolução das línguas faladas na região, relacionando-as com questões de identidades dos sujeitos. Entre os achados da pesquisa, o autor sugere que a identidade de um sujeito em uma comunidade se baseia em restrições, e na habilidade para superá-las, para assim entrar em foco com outra comunidade linguística diferente da sua. Assim, à medida que a comunidade se consolida, seus membros ficam “focalizados”: à medida que os conceitos de língua, regras, comunidade se tornam mais claros, os indivíduos adquirem uma posição de percepção e de identificação cultural.

Esperamos assim que a leitura desses artigos possa contribuir com outras pesquisas em curso e mostrar a pertinência da abordagem sociolinguística da tradução para o entendimento desta enquanto exercício de ampliação linguística e de reconhecimento dos outros em suas especificidades.

SABINE GOROVITZ
Professora Adjunta da Universidade de Brasília
Organizadora deste número especial